

“NÃO CHEGAS A DEUS SE NÃO CHEGAS PRIMEIRO A TEU CORPO” PROVOCAÇÕES SARAMAGUIANAS

Sebastião Lindoberg da Silva Campos
Doutorando em Literatura PUC-Rio
E-mail: lindoberg_pe@hotmail.com

Resumo:

Mais que questionadora, a literatura saramaguiana é portadora de uma provocação inquietante que lança ao seu leitor um convite a transformar-se num “espírito livre” bem ao espírito nietzschiano. Ao perscrutar o homem por meio de sua pena literária, o escritor lusitano põe em revista todos os fundamentos, crenças e convicções que permeiam a existência humana. Tendo especial predileção pela questão do corpo, Saramago, num misto de ironia voltairiana e marteladas nietzschianas, subverte a concepção de um amor que renuncia ou impõe cerceamentos ao corpo e reivindica o seu papel de protagonismo na composição de uma ontologia humana. “O amor é o fim do cerco”, e sua plenificação se dá no encontro mútuo e gratuito entre dois seres, dois corpos. Se tal atitude não se configura enquanto uma novidade, ao menos se deve reconhecer que as provocações saramaguianas podem apontar novas possibilidades e saídas para um entendimento e alargamento da concepção de “humanidade” numa sociedade cada vez mais marcada pela indiferença e intolerância.

Palavras-chave: Teopoética. Saramago. Corpo.

Introdução

Inequivocadamente se aproximar da literatura saramaguiana é estar sempre em risco. Risco porque requer um desapego às verdades e dogmas que, construídos ao longo do tempo, cristalizam-se no seio da sociedade da qual fazemos parte. Aproximar-se do mundo lítero-poético saramaguiano é participar de uma travessia na qual o homem será algo a se apresentar perante nossos olhos de leitor participativo. Essa travessia, como toda peregrinação efetiva, requer que o viajante carregue uma bagagem mínima, se possível que caminhe desprovido de tudo, de todas as crenças, convicções.

Ler Saramago é estar sempre preparado para mudanças na rota, para novas experimentações e, à semelhança de uma barca nietzschiana, saber que, ao embarcar nessa empreitada, ao desatar as amarras que nos prendem ao passado de convicções seguras, saber que não haverá para onde retornar. Ler Saramago é acostumar-se com uma febre antropológica, que busca em cada recôndito humano algo com que se maravilhar, e por ser uma aventura demasiada humana, saber que nada é permanente. É participar de uma literatura

inquietante e provocadora que reavalia a cultura ocidental buscando mergulhar na tradição assentada e trazendo à tona novas perspectivas; uma literatura que explorando seu campo das “potências do falso” (se tratarmos de uma valoração platônica) apresenta um diverso espectro das “possibilidades”, os “possíveis” que só a literatura pode apresentar.

De fato, a obra saramaguiana nos conduz por uma aventura na qual as veredas estão nitidamente dadas. Ao se aproximar de sua literatura sabemos desde o início qual compromisso ele requer de nós. Saramago objetivamente não se esconde por trás de um véu do narrador, não se esfumaça na complexidade narrativa, pelo contrário, apresenta candidamente sua proposta humana que perfaz por meio da literatura. Ler Saramago é estar diante de uma literatura que se faz presente numa realidade cotidiana humana, sem abrir mão do seu poder de fabulação e simulacral, que nos incita a uma reflexão sobremaneira das nossas relações interpessoais e suas consequências no seio da sociedade em que no inserimos.

O corpo, a efetividade do amor

Se Clemente Romano nos apresenta uma definição ímpar no conceito de amor dentro do Cristianismo, “O amor tudo sofre e tudo suporta. No amor não há nada de banal, nem de soberbo. O amor não divide, o amor não provoca revolta, o amor realiza tudo na concórdia” (CLEMENTE, §49), não podemos esquecer, sob uma ótica saramaguiana que essa definição de amor não possui uma amplitude desejada de seu entendimento. O corpo na concepção desse amor sofre severas interdições e cerceamentos que serão revisados e questionados no interior da literatura saramaguiana.

É numa perspectiva de uma concepção de amor apresentada por Clemente Romano, por exemplo, que Saramago baseia seu pensamento e faz uma provocação que tenta ir além de uma hermenêutica cristalizada, “os cristãos, de fato, (...) estão na carne, mas não vivem segundo a carne” (DIOGNETO, §23). Ao corpo não se pode desprezar, sanear ou impor renúncias em nome de um “bem maior”. Assim Saramago converte sua literatura num “campo das possibilidades” e provoca o leitor a embarcar nessa perspectiva que se resume numa inversão, ou reavaliação histórica substancializada numa pergunta retórica, “por que não?”. Daí a reescritura de um evangelho que carregue em seu bojo as manifestações do corpo e faça dessa materialidade um espaço que ganha contornos ímpares como no encontro de José e Maria: “Deus, que está em toda parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do outro, como a carne dele penetrou a carne dela,

criadas uma e outra para isso mesmo” (ESJC, p. 19)⁵; e nas constantes críticas ao martírio: “[há] duas maneiras de perder-se a vida, uma pelo martírio, outra pela renúncia (...) castigando-se por terem nascido com o corpo que Deus lhe deu e sem o qual não teriam onde pôr a alma, tais tormentos não inventou este Diabo que te fala” (ESJC, p. 324) que dão à dimensão corpórea um papel de protagonismo renegado na solidificação do modelo de cristianismo estabelecido. Desta forma, rejeitar o papel do corpo é, segundo Saramago, desprezar o humano em sua integridade.

A essa contraposição entre corpo e espírito, Saramago colocará o Diabo como arauto do primeiro, numa cena emblemática numa réplica com Jesus, reafirmando o caráter estritamente humano, material e imanente desse seu evangelho:

Certifico-me de que a terra continua por baixo de mim, Não te chegam os pés para teres a certeza, Os pés não percebem nada, o conhecimento é próprio das mãos, quando tu adoras o teu Deus não é os pés que levantas para eles, mas as mãos, e contudo podias levantar qualquer parte do corpo, até o que tens entre as pernas, se não és eunuco (ESJC, p. 195).

O Jesus saramaguiano, sobremaneira em seu encontro com Maria de Magdala, não deixa de provocar o próprio cristianismo em sua essência, o amor. Se o amor “tudo suporta, não provoca revolta e realiza tudo na concórdia”, em outras palavras, se o amor é a expressão máxima do encontro entre dois seres que se doam e se entregam num mútuo respeito e colaboração, então o encontro de Jesus e Maria é simples prova desse amor.

O valor do corpo nos escritos saramaguianos, sobremaneira do seu evangelho, distante de constituir uma reificação do ser humano, como acusa Ratzinger a todos que estão à margem da concepção cristã, é, talvez, uma das mais belas representações presentes na literatura, carregada de força poética. No momento que nos é apresentado o encontro de Jesus com Maria de Magdala, ali se expressa o mais substancial exemplo de um amor redentor, um amor que ignora convenções e segregações sociais, que possui sua gênese verdadeiramente na gratuidade do encontro, que não impõe regras de conduta, que conhece a doação espontânea:

vendo que o sangue não dava mostra de parar (...), Jesus que estava sentado no chão, comprimindo a desatada ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava, Ajuda-me, disse, e, tendo segurado a mão que ela lhe estendia, conseguiu-se pôr de pé e dar uns passos coxeando. Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato dessa ferida (ESJC, p. 230).

⁵ Para referência aos romances saramaguianos serão usadas as seguintes siglas: *O evangelho segundo Jesus Cristo* – ESJC; *História do cerco de Lisboa* – HCL; *Memorial do Convento* – MC; *A jangada de pedra* – JP.

As chagas do martírio de Jesus, símbolo máximo do amor cristão, do Deus que entrega seu filho à morte como exemplo de doação, são metamorfoseadas nos machucados que arrebatam dos seus pés e são curados por Maria, ela, uma prostituta, “esta prostituta de Magdala que o curou” (ESJC, p. 233), a mulher que na história oficial foi relegada ao esquecimento, à marginalidade, ao lugar de menoridade torna-se, no escrito saramaguiano, aquela que o ensina, que o acolhe. “Jesus tinha consigo apenas o arsenal teórico do amor que lhe viera do *Cântico dos Cânticos* de Salomão” (CERDEIRA, 2016, p. 194), e Maria de Magdala agrega a esse arsenal propedêutico uma materialidade que não ele conseguira acumular até então, e só através de alguém que tenha vivido os mesmos dramas existenciais que os seus poderia oferecer de forma substancial.

A inesperada, mas já sabida expressão de Jesus, “não conheço mulher” (ESJC, p. 233), será recebida por Maria de Magdala na forma silenciosa de uma poética erótica que se irrompe contra os estatutos estabelecidos e cria uma relação recíproca de aprendizado que é potencializada pela ação corporal que se efetiva, “Maria segurou-lhe as mãos, Assim temos de começar todos, homens que não conheciam mulher, mulheres que não conheciam homem, um dia o que sabia ensinou, o que não sabia aprendeu” (ESJC, p. 233).

Maria de Magdala, à semelhança de Lilith em *Caim*, converte-se, à revelia cristã, na redentora, pois é ela quem acolhe Jesus depois do desprezo de Pastor, “não aprendeste nada, vai-te” (ESJC, p. 235) e da indiferença de Deus, mostrando a ele que o corpo é o caminho para se chegar ao verdadeiro conhecimento. “aprende o meu corpo, (...) aprende o teu corpo” (ESJC, p. 235). Assim, Jesus só atingiria “a perfeição humana ao ver o outro como diferente de si, na materialidade da experiência erótica. Seria esse o modo mais completo do conhecimento dos corpos, e o modo mais generoso de aprender a diferença, arriscando-se na caminhada para fora do já sabido” (CERDEIRA, 2016, p. 194). Essa revolução parte do sacrilégio, da apropriação do sagrado para subvertê-lo à sua maneira, mas não como uma subversão gratuita e arbitrária, senão aquela que propõe um alargamento no entendimento do amor, cuja voz de Jesus reverbera na contemporaneidade conclamando ao desafio saramaguiano da ilha desconhecida que se renova a cada dia. A metáfora é constante. Se lançar em busca de contato o outro é abrir-se a uma alteridade construtiva, que permite se refazer enquanto ser humano, enquanto “poética das possibilidades”.

Mais uma vez invertendo aquilo que Deus operara no éden, criando interditos por meio do pecado, “Não há outro paraíso, e eu responderei, Assim não foram Eva e Adão porque o Senhor lhe disse que haviam pecado” (HCL, p. 329), aqui, o que se exalta não é a renúncia dos corpos, não se enxerga neles a dicotomia cristã que o insere na criação decaída, que

provoca a cisão entre os escolhidos e o mundo como presente na própria concepção joanina, “não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está no Pai. Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da riqueza – não vem do Pai, mas do mundo” (1Jo 2, 15-16). A proposta saramaguiana, caminhando na contramão, “não és ninguém se não te quiseses a ti mesmo, não chegas a Deus se não chegares primeiro a teu corpo” (ESJC, p. 224), requer o tratamento com o ser humano numa perspectiva totalizante, tudo compõe e é o ser humano, a primazia de um elemento ou de outro, quando ocorre, conduz à depreciação do próprio homem.

Desta forma o papel singular de mestra desempenhado por Maria de Magdala subverte uma tradição cristalizada e anuncia pela boca de Jesus uma espécie de novo tempo prometeico que aspira por uma liberdade, “o que me ensinas, não é prisão, é liberdade” (ESJC, p. 235), fazendo do corpo a materialidade e efetividade de um amor gratuito e recíproco. O amor efetiva-se de uma escolha espontânea, não de uma renúncia imposta ou de um interdito. Assim o faz também Blimunda – como “se calada estivesse respondendo a outra pergunta, Aceitas para tua boca a colher de que se serviu a boca deste homem, fazendo seu o que era teu, agora tornando a ser teu o que foi dele, e tantas vezes que se perca o sentido do teu e do meu” (MC, p. 58) – metendo na boca a colher que servira a Baltasar e consumando assim o ato de escolha, ao que resta apenas ao padre Bartolomeu as palavras pronunciadas, “então declaro-vos casados” (MC, p. 58). A gratuidade do amor em sua efetivação no corpo também está na entrega mútua de Maria Guavaira e Joana Carda, d’*A jangada de pedra*, a Pedro Orce; uma entrega espontânea e desprovida de valorações morais, não resumida apenas ao “alívio dos cúmulos glandulares” (JP, p. 312), mas na simples constatação de que tudo “isso são coisas da terra” (ESJC, p. 13).

Portanto, repetir as palavras de Óscar Aranda em seu livro sobre a questão do corpo em Saramago – nos seus textos “encontramos uma infinidade de exemplos, situações, encontros, aforismos, que nos falam da vida sexual humana de uma forma tão calorosa, tão verdadeiramente humana e tão lúcida” (ARANDA, 2016, p. 21) – é apenas fazer uma cartografia da questão do amor e o protagonismo do corpo na sua substancialização, mas que não adentra as questões ontológicas verdadeiramente presentes nas provocações saramaguianas. É o amor que dá vida aos corpos, ou no melhor, o jogo de sedução, a entrega mútua e silenciosa, os não-julgamentos e condenações prévias.

Se, pois, a poesia é a língua erotizada que se irrompe contra a mera função pragmática de comunicação, se lançando como uma espécie de ontologia verbal que se plenifica na existência humana, então podemos perceber que tal ato é contínuo e efetivo em Saramago

quando transforma seus romances em experimentações possíveis da existência humana, passíveis de serem mais que meros simulacros.

Conclusão

Fazer uma “poética das possibilidades” não é operar à maneira de um Leibniz que afirma que dentre as possibilidades, essa existência factual é a melhor que poderia existir; Saramago opera como um demiurgo voltairiano que objetiva seus “mas” à ordem estabelecida e por meio do fazer e construir poético amplia os horizontes de possibilidades humanas que extrapolam a mera ficcionalidade e se constitui enquanto existência possível, ao menos na privacidade de cada leitor.

O desafio saramaguiano, “não chegas a Deus se não chegas primeiro ao teu corpo”, embora possua implicações ontológicas não se dirige para uma nova espécie de veredas transcendentais que busca, à maneira de Ratzinger e sua encíclica papal *Deus caritas est*, chegar a um entendimento substancial da divindade teológica. A materialidade do corpo para o escritor lusitano é a peça-chave para uma construção cada vez mais necessária do entendimento do homem enquanto um sujeito singular e responsável por uma ética que o tome em sua integralidade.

É essa mesma ética que será uma cobrança constante no evangelho saramaguiano; uma ética que reivindica uma coesão entre prática e teoria, uma ética que se efetive para além do discurso. É pondo na boca de Pastor (Diabo), em interlocução com Jesus, uma reflexão necessária, que Saramago propõe uma revisão da ordem estabelecida e sugestiona novos caminhos possíveis: “Deus poderá rejeitar como obra não sua o que levas entre as pernas [?], diz sim ou não”; ao que Jesus replica: “Não pode, Porquê, Porque o Senhor não pode não querer o que antes quis. Pastor acenou a cabeça lentamente e disse, Por outras palavras, o teu Deus é o único guarda duma prisão onde o único preso é o teu Deus” (ESJC, p. 196).

Assim, o amor, evidentemente, é redentor em seus livros, mas um amor que se estabelece neste aqui e agora, não se lança no além, não se funda no jamais transcendente. Assim como o crânio de Adão que das profundezas da terra, no momento da crucificação, retorna ao solo e tem diante de si só o horizonte da terra, porque “isso são coisas da terra, e delas se faz a única história possível” (ESJC, p. 13) a vida fecha-se num ciclo e se perpetua no compromisso deste e não do outro mundo. A tarefa cabe em humanizar o mundo, ampliando também o sentido daquilo que se entende por humanidade. Assim Saramago faz de sua poética um eterno exercício de provocações.

Referências:

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

ARANDA, Óscar. *Aprende, aprende o meu corpo. Sobre o amor na obra de José Saramago*.

Tradução de António Costa Santos. S.L: Fundação Saramago, 2016.

CERDEIRA, Teresa Cristina. *Poética corporal e erótica verbal: a escrita de José Saramago*.

In: ARANDA, Óscar. *Aprende, aprende o meu corpo. Sobre o amor na obra de José Saramago*. Tradução de António Costa Santos. S.L: Fundação Saramago, 2016.

CLEMENTE ROMANO. Primeira carta de Clemente Romano aos Coríntios. In: *Padres apostólicos*. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. – São Paulo: Paulus, 1995.

DIOGNETO. Cartas a Diogneto. In: *Padres apologistas*. Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti, tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. 5. reimpr. São Paulo: Paulus, 1995.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Memorial do Convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.